

# MEMÓRIAS DE "HISTÓRIAS FEMININAS, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS"\*

SUELY KOFES E ADRIANA PISCITELLI\*\*

## Resumo

Este texto sintetiza algumas discussões em torno da relação entre gênero, memória, experiência e narrativas desenvolvidas a partir de uma pesquisa coletiva que, centrada em narrativas orais e escritas, procura recriar trajetórias femininas.

**Palavras-chave:** Gênero, Memórias, Experiências.

---

\* Este artigo foi recebido para publicação em setembro de 1997.

\*\* Suely Kofes é professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e membro do PAGU. Adriana Piscitelli é doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp - Área Família e Gênero - e pesquisadora do PAGU.

### **Introdução**

Foi em 1994, quando deveríamos apresentar o primeiro relatório do primeiro projeto do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, que escrevemos as reflexões que agora tomamos publicamente conhecidas.<sup>1</sup> Naquele momento procurávamos relacionar gênero, memória, experiência e narrativas. Tínhamos já bem discutido o ponto de vista sob o qual trataríamos gênero, sentíamos um certo desconforto em relação a algumas abordagens sobre gênero e memórias e começávamos a ler e discutir recentes contribuições sobre narrativas.

Hoje, temos certamente outras indagações e ainda mantemos alguns, mas não todos, os pressupostos de então. Entretanto, apesar da leitura crítica que atualmente fazemos destas reflexões achamos que seria interessante, dado o tema deste número, compartilhar com os leitores dos *Cadernos PAGU* a memória daquelas discussões, evidentemente, aqui resumidas.

### **“Histórias femininas, memórias e experiências...”**

No Projeto “Histórias Femininas: Memórias e Experiências”, centrado em narrativas orais e escritas, procuramos recriar trajetórias femininas, enfrentando o desafio colocado pela relação entre mulheres e gênero (estudos de mulheres e estudos de gênero). Estes objetivos levaram-nos a sublinhar a importância de interrelacionar ação social, situações e sujeitos.<sup>2</sup> Nos parece, portanto, frutífero reter a noção de

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado de uma reflexão coletiva. Entretanto, teve, na sua escrita, reflexões que podem ser particularizadas. Suely Kofes nas discussões sobre experiência, narrativas, gênero e papéis sexuais; Adriana Piscitelli na discussão sobre gênero, memória e perspectivas feministas.

<sup>2</sup> Este projeto, financiado pelo CNPq e pelo F AEPIFundado de Apoio a Pesquisa da UNICAMP, contou com a participação de um corpo amplo de pesquisadoras/es: Leila Mezan Algranti, Mariza Corrêa, Suely Kofes, Adriana Piscitelli, Carla Bassanezi,

experiência. Esta noção, que pode ser conceitualizada de maneiras diferentes, é quase sempre utilizada para limitar os excessos das explicações estruturais.

Considerando as questões e recortes de nosso projeto, cujo ponto de partida são trajetórias de sujeitos precisos, preferimos reter a conceituação de experiência oferecida por Bruner.<sup>3</sup> Ela faz referência a um sujeito em ação, a um sujeito que se engaja na ação e dela participa, que sente a ação, pensa sobre ela e a reformula.<sup>4</sup> Nesse sentido, a experiência pode ser comunicada porque não implicaria apenas em ações e sentimentos, mas também em reflexões sobre ações e sentimentos. Operando com esta noção de experiência, poderíamos capturar as narrativas de sujeitos sobre suas experiências e incorporar suas interpretações, apontar junções e disjunções temporais, mudanças e continuidades, tradições e rupturas.

Privilegiando desta forma a experiência e tendo como recorte empírico trajetórias em diferentes tempos, nos defrontamos com algo que já foi e sobre o qual se fala. Deste modo, ao se tratar de experiências narradas, toma-se crucial levar em conta também a temporalidade interna às próprias narrativas.

---

Karla Bessa, Susana Maria Moreira, Arilda Inês Miranda Ribeiro, José Guilherme Piola Brandt, Leslye Bombonato Ursini, Maria Cláudia Bonadio, Marisa Barbosa e Renata Borboletto.

<sup>3</sup> Poderíamos também levar em conta o que diz Thompson sobre a noção de experiência. No relatório de pesquisa no qual desenvolvemos estas reflexões - "Histórias Femininas: Memórias e Experiências", apresentado ao CNPq em julho de 1994 - essa noção foi incorporada através da contribuição de Carla Bassanezi, já publicada. Ver: E.P. Thompson e a História. *Revista Temáticas*. Campinas, IFCH, Unicamp, 1994.

<sup>4</sup> BRUNER, E. M. Introduction. In: TURNER V. and BRUNER, E.M. (eds.) *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 1986.

Expor, contar, referir, dizer, registrar, por em memória (e portanto lidar com a temporal idade) são elementos semânticos constitutivos do termo narrar. Os sujeitos sobre os quais se debruça uma pesquisa narram ao pesquisador eventos, trajetórias, valores, ações, atores e enredos, e é isso também que o pesquisador relata aos seus leitores. Ora, se a faculdade de intercambiar experiências se atualiza no ato de narrar, e se a fonte a quem recorrem todos os narradores é a transmissão da experiência de pessoa a pessoa, oralmente ou pela escrita, poderíamos traçar um nexó entre experiência, narrativa e memória. Nexó aliás já apontado por Walter Benjamin. Mas, como acrescentar a estas relações as conceitualizações de gênero?

Tomemos, em primeiro lugar, memória e gênero. A memória, se considerada como lembrança e esquecimento ancorados no presente, seria, para os mais cientificistas, uma fonte inviável para a reconstituição do passado.<sup>5</sup> Mas, se deixamos de lado as preocupações positivistas dos trabalhos de história oral interessados em desvendar o que "verdadeiramente" aconteceu no passado, é possível perceber a riqueza oferecida pelas memórias.<sup>6</sup> Segundo Halbwachs, nada na memória escapa à trama sincrônica da existência social do presente.<sup>7</sup> Assim considerada, a memória desaprisionaria os fatos de uma temporalidade linear, externa, própria da reconstrução histórica,

---

<sup>5</sup> Para uma síntese das críticas aos usos da memória como fonte válida para o desvendamento do passado veja-se: W ACHTEL, Nathan. Introduction. In: *History and Anthropology*, October 1986, volume 2, part 2, pp. 207-224.

<sup>6</sup> Como é expressada nos primeiros trabalhos de Paul Thompson, por exemplo, a primeira edição de *The Voice of the Past, Oral History*, Oxford University Press, 1978 (*A voz do passado. História Oral*. São Paulo, Paz e Terra, 1992. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira).

<sup>7</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo. Revista dos Tribunais Ltda/Vértice, 1990.

libertando as múltiplas temporalidades vivenciadas. O que é lembrado responderia sempre às necessidades da ação atual que, nas palavras de Halbwachs, operam à maneira de um filtro, selecionando as tradições que se esquecem e as que se transmitem, de maneira que as tradições são modificadas na medida em que os grupos mudam. Nas memórias, as lembranças pessoais são reconstruídas a partir de um presente que é social-uma vez que, para o autor, a lembrança pessoal está situada na encruzilhada de redes de solidariedade múltiplas com as quais os indivíduos estão comprometidos. Mas se essas reconstruções falam de um presente que estabelece limites para as lembranças e que as molda continuamente dando a elas novas formas, as lembranças também falam do passado.

Entretanto, seria possível levar em conta o "vaivém" entre presente e passado e a singularização do social presente nas trajetórias individuais sem necessariamente cair nas armadilhas de uma procura de reconstrução do passado ou aquela de partir de uma noção de indivíduo para em seguida ter que situá-lo socialmente. Ainda mais, para o segundo caso, se considerarmos que a própria idéia (e ideal) de indivíduo pressupõe um social que a afirme. Nos parece mais adequado, portanto, falar em recriação e em experiências. Ora, nessa interação entre passado e presente, nessa recriação através das experiências diversificadas dos sujeitos pressupomos a atuação de gênero.

Ao falarmos de gênero, nos situamos simultaneamente no campo de concepções e ações e o consideramos como um operador de diferenças, pensado como um "através", um meio através do qual se organizam relações sociais, marcando experiências. Quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero. Entretanto, dizer que lembrar é recriar experiências marcadas também pelo gênero está muito distante

de afirmar uma especificidade da memória feminina, ancorada na biologia ou, no âmbito do social, nos papéis sexuais. Afirmer que o gênero marca as memórias - em narrativas biográficas ou em tradições orais - não é o mesmo que afirmar que as mulheres têm uma lembrança específica enquanto mulheres ou os homens enquanto homens, porque a biologia assim o determina ou porque a divisão sexual de papéis assim os define.

As discussões sobre memórias femininas e o uso de fontes orais para "resgatar" a "história das mulheres" que, informados pelos Estudos de Mulheres, proliferaram na década de 1980, explicitaram sua preocupação em desessencializar a memória feminina.<sup>8</sup> Porém, terminaram por fixar uma identidade: a categoria mulher que, enquanto tal, ficaria imune à historicidade. Diversas perspectivas têm insistido na ausência de uma identidade coletiva, mulheres, mas, tentando escapar de uma identidade ancorada nos componentes biológicos do feminino, acabaram por afirmar uma identidade na qual o social deriva do biológico. É frequente ler afirmações que aludem a diferenças entre memórias masculinas e femininas que atravessam classes sociais, e que resultam das tarefas sociais enquanto homens e mulheres. Dizer que as mulheres falam da família e os homens, de outras coisas, aparece quase como um lugar comum nestes textos.

Michelle Perrot, ao discutir a possível "especificidade" da memória feminina, afirma que, se se trata de ancorá-la na natureza e no biológico, ela não existe. Entretanto, sim haveria uma especificidade, na medida em que as práticas sócio-culturais presentes nas operações que constituem a memória estão imbricadas nas relações masculinas/femininas reais e,

---

<sup>8</sup> Exemplos disto são a publicação da Mesa Redonda: Histoire orale et histoire des femmes, no *Bulletin de l'Institut d'Histoire du Temps Présent*, Supplement n° 3, 1982, e o Número do Penelope, n° 12, 1985, dedicado a *Mémoires des femmes*.

como elas, são produto de uma história. A memória, forma de relação com o tempo e o espaço, seria profundamente sexuada.<sup>9</sup>

A autora considera que a memória é marcada, estruturada, por papéis sociais. Papéis masculinos, desempenhados as vezes por mulheres, e femininos que podem ser desempenhados por homens. Perrot conclui que a memória é diversificada de acordo com os itinerários individuais.<sup>10</sup>

Em suas palavras:

A memória passa mais pelo modo de vida que pela variável sexo..., sua sexualização seria constitutiva do debate das determinações sócio-históricas do masculino e do feminino.

Em termos de gênero, esta análise descola "papéis femininos" de "mulheres" e "papéis masculinos" de "homens", Parece-nos, entretanto, que é possível pensar a relação entre gênero e memória, complexificando-a mais, possibilitando a compreensão da multiplicidade de configurações de gênero que marcam a memória e nela se expressam.

A idéia de que a memória está estruturada pelos papéis sexuais (papéis masculinos/papéis femininos) entra em confronto direto com a perspectiva dos mais instigantes estudos de gênero. Uma perspectiva de gênero poderia, talvez, ser melhor compreendida através da noção de experiência (conforme a definimos anteriormente), do que o permite a teoria dos papéis sexuais. Lembremos brevemente que essa noção, papéis sociais/papéis sexuais, é fortemente marcada por uma

---

<sup>9</sup> PERROT, Michèle. Práticas da Memória Feminina. A Mulher e o espaço público, Revista Brasileira de História 18, ANPUH/Marco Zero, 1989.

<sup>10</sup> PERROT, Michèle. Les Sources orales pour l'histoire des femmes. In: Une histoire des femmes. est-elle possible? Paris, Rivages, 1984.

teoria comportamental e de pesquisas ligadas às análises das formas padronizadas de comportamento, levando em conta agregados diferenciais, posições sociais diferenciadas, especializações, etc. O comportamento neste caso é visto em relação ao indivíduo, ator, que desempenha papéis conforme posições sociais. É visto ainda em relação a um outro (*alter*) o ator e platéia. Esses papéis, dados por um *script*, são "normativizados", por um lado, e pedem uma *performance* adequada de um indivíduo, por outro, sendo ambos garantia da comunicação, o que implica a aprendizagem desses padrões - *script* - através da socialização. Um arsenal conceitual caracteriza essas teorias em suas várias tendências: ego, hábito e conduta, *mores*, *folkways*, *status*, posição social, *performance*, pessoa, *alter*, personalidade, função, etc. Também seriam seus pressupostos a diversidade, a heterogeneidade ou complexidade ou a estratificação da sociedade, a relação entre indivíduo e as normas sociais, bem como a multiplicidade de papéis a serem desempenhados pelo indivíduo, considerando as expectativas de um *alter*, as posições e contextos adequados.

Esses pressupostos aqui expostos com tanta economia, situados na discussão sobre as diferenças sexuais, dariam a impressão de uma semelhança com as teorias contemporâneas de gênero, pela quebra do essencialismo, por exemplo (pelo privilégio ao estar mais que ao ser). Também pareceria não identitária, isto é não haveria um eu fixo e imutável porque há múltiplos papéis, e porque estes mudam. Também pela ênfase relacional, interrelacional.

Ao falar de papéis sexuais estaria sendo designado o jogo de papéis masculinos e femininos, que homens e mulheres representam em múltiplas situações. O que permitiria até medir, por exemplo, se as mulheres teriam um leque amplo ou restrito de papéis. Seriam, por exemplo, papéis restritos: donas de casa, mães e esposas; ampliados: dona de casa, esposa, mãe,



profissional, partidário, etc. Esta medida apontaria alguns padrões sociais sobre a posição e situação das mulheres ou/e dos homens. Esta teorização tem ainda o atraente aditivo da possibilidade de mudanças.

Porém, paradoxalmente, é ainda identitária, porque a diferença sexual é ainda o elemento fixo inicial e as posições iniciais e sua relação para a representação de papéis é dada, é estabelecida: mulheres e homens. Entretanto, nos parece, que se alguns dos atuais estudos sobre gênero têm uma postura antiessencialista, desnaturalizante, não compartilham com a teoria dos papéis o pressuposto identitário. Em primeiro lugar, não pressupõem que os papéis apenas são móveis: pressupõem que a distinção não é fixa. Ela pode ser fixada, por exemplo, como aponta Butler, falando da identidade de gênero, como uma ficção da coerência heterossexual.

O gênero efetua, se nós bem o entendemos, uma ação não no plano dos papéis mas no plano das categorias e dos agentes, e precisar-se-ia então estar sempre aberto para ler o que está sendo dito pelo gênero. O referente "sexual" só estaria na pergunta que faríamos para delimitar essa diferença, distinguindo-a de outras diferenças. Uma vez isto respondido passar-se-ia às outras perguntas: como essa diferença é pensada, categorizada, explicada, incorporada nas ações e instituições, enfim, o que está sendo dito que o "sexo" é. E aí não é mais sexo, é gênero. Se as respostas encontradas afirmarem a importância do sexo biológico, estas seriam respostas culturais possíveis, mas não constituem o pressuposto de pesquisas orientadas pelas teorias de gênero.

Desde a perspectiva das teorias contemporâneas de gênero, as experiências singularizadas se tomam fundamentais para as quebras identitárias. E as recentes discussões sobre narrativa destacam sua particular eficácia na afirmação das singularidades. A narrativa diz sobre personagens e

Memória de “histórias femininas...”

acontecimentos envolvidos em uma intriga, como diria Ricoeur. A intriga, uma trama, explícita uma temporalidade, sujeitos e ações encadeados pelo jogo de suas relações e por sentidos culturais. Lidar com as narrativas, portanto, nos parece um meio de encadear experiências femininas, memória e gênero.

No entanto, não é suficiente afirmar que os elementos deste encadeamento - as experiências, as memórias que as recriam, dotando-as de temporalidades específicas, e as narrativas através das quais são transmitidas - são marcadas pelo gênero. O crucial aqui é mostrar como o gênero opera, como essa operação marca as narrativas, bem como o que nelas se expressa. Este "como" só pode ser desvendado através da análise de material empírico que permite o confronto entre diversas experiências contextualizadas. Isto nos parece particularmente importante considerando dois dos pressupostos fundamentais para a dessencialização presentes nas teorias contemporâneas de gênero: um, histórico, o outro, socio-cultural."

### **Olhando para trás**

Olhando para trás percebemos uma certa distância entre essas reflexões e o que hoje escreveríamos. Entretanto, as relações que estabelecíamos' já apontavam caminhos que possibilitariam explorar como diversas configurações de gênero marcam as memórias. Esses caminhos eram esboçados a partir de uma concepção que nem fixava gênero, nem o aprisionava através de binarismos. A noção de experiência nos parecia, então, apropriada. As dificuldades para pensar na relação entre gênero e memória, presentes em discussões recentes, sugerem que muitos dos problemas residem em maneiras de pensar no gênero, particularmente quando voltam a fixá-lo.

Pensar sobre gênero de maneira a romper com uma perspectiva de identidade coerente e unitária, característica

marcante na discussão feminista dos anos 90, parece colocar dificuldades específicas aos olhos de historiadores interessados no trabalho com material oral. Analisando como a história oral e outras disciplinas trataram o problema do gênero na memória nos últimos 25 anos, Leydesdorff, Passerini e Thompson prestam particular atenção ao desenvolvimento das perspectivas feministas.<sup>11</sup> A ênfase na pluralidade presente nestas interpretações, considerando tanto a diversidade cultural como as múltiplas (e fragmentárias) instâncias da subjetividade, é avaliada positivamente pelos autores. Mas, eles se perguntam: como relacionar a **memória** com as diferentes formas que masculinidade e feminilidade adquirem em diversos meios culturais, ou com as formas que se desenvolvem rapidamente, de maneiras diferentes, numa mesma cultura, tomando seus limites irreconhecíveis? E, particularmente, como tratar essa relação levando em conta as grandes variedades existentes **dentro** de cada gênero (*within each gender*)? (grifos nossos)

Apesar do "reconhecimento" da pluralidade, na interrogação formulada por estes autores é possível perceber o problema colocado pelo suposto implícito de um binarismo equivalente a "homens" e "mulheres". A tensão entre esse referencial binário e os diversos graus possíveis de pluralidade, em termos de gênero, provoca uma certa angústia. Como relacionar esse leque de diversidade com a memória, isto é, com memórias de sujeitos que, de antemão, são pensados como "homens" e "mulheres"? Daí a preocupação, expressada pelos autores, em relação às "variações" "dentro de cada gênero". Essa interrogação nos desafia e coloca questões importantes.

---

<sup>11</sup> LEYDESDORFF, Selma, PASSERINI, Luisa e THOMPSON, Paul. Introduction. *International Yearbook of Oral History and Life Stories, Gender and Memory*, vol. IV, Oxford University Press, 1996, pp.1-3.

Memória de “histórias femininas...”

Quando uma multiplicidade de masculinidades e feminilidades acabam encerradas num binarismo: memória "de homem"/memória "de mulher", gênero está, ele próprio, aprisionado nesse binarismo. Experiências e memórias possibilitam pensar em sujeitos diversificados que não se enquadram na oposição "homens"/"mulheres". Mas, o desafio colocado por essa diversidade é ainda maior porque reconhecemos que as sociedades nas quais trabalhamos nomeiam esses sujeitos de forma binária. Diante disso, o que nos cabe é, desnaturalizando os supostos que embasam esse binarismo, deixar de procurar correlações necessárias entre dois gêneros, memórias e experiências. Esta é a questão que enfrentamos no momento atual de nossas pesquisas.

---

MEMORY OF “FEMININE HISTORIES, MEMORIES  
AND EXPERIENCES”

**Abstract:**

This article synthesizes discussions on the relation among gender, memory, experience and narratives related to a collective research that, centered on oral and written narratives, tries to recreate feminine trajectories.